



Contemplação e cuidado: uma abordagem teopoética da obra *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry à luz e em diálogo com o magistério do Papa Francisco

Contemplation and care: a theopoetic approach to the work *The Little Prince* by Saint-Exupéry in light of and in dialogue with the teachings of Pope Francis

*Felipe Mateus Botura**

PUC-Campinas

*Ceci Maria Costa Baptista Mariani***

PUC-Campinas

Recebido em: 25/02/2026. Aceito em: 21/05/2026.

Resumo: *Esta pesquisa propõe uma leitura da obra O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, a partir de um diálogo frutífero com o Magistério do Papa Francisco, sobretudo, com as Encíclicas Laudato Si', Fratelli Tutti e a Carta sobre o Papel da Literatura na Educação. A metodologia empregada fundamenta-se na abordagem teopoética, que faz uma aproximação entre teologia e literatura, permitindo demonstrar como a linguagem poética e simbólica da narrativa de Saint-Exupéry expressa verdades profundas sobre*

* Bacharel em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário (2021) e Bacharel em Teologia pela PUC-Campinas (2025).

E-mail: felipemateusbotura@gmail.com.

** Doutorado em Ciências da Religião (2004-2008) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo. Mestrado em Teologia Dogmática (1990-1997) pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção – São Paulo. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da Faculdade de Teologia. Membro da SOTER, Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (secretária da Diretoria Nacional 2009-2010), coordenadora do Grupo de Trabalho “Mística e Espiritualidade”.

E-mail: cecibm@puccampinas.edu.br.





a condição humana e a busca de sentido, indo ao encontro das preocupações do Papa Francisco. Diante disso, esta pesquisa tem como proposta de análise os encontros do *Pequeno Príncipe* com as personagens que surgem ao longo de sua jornada, revelando como o seu olhar contemplativo e sensível convergem com a espiritualidade encarnada e voltada para o cuidado proposto pelo Papa Francisco. De modo que, a cada encontro ou situação evoca-se e explora-se o ensinamento do Pontífice, visto que ele convida à redescoberta da capacidade de contemplar o essencial, ao criticar a cultura do descarte, a globalização da indiferença e o paradigma tecnocrático que anestesiam a percepção das verdadeiras necessidades humanas e ecológicas. Estruturado em quatro seções principais, o trabalho busca demonstrar como os elementos centrais da narrativa de Saint-Exupéry estabelecem pontes diretas com o pensamento do Papa Francisco, por meio de dois termos centrais: contemplação e cuidado. Em suma, evidencia-se que a sabedoria interpelativa de *O Pequeno Príncipe*, ao valorizar o cuidado, a responsabilidade e a amizade verdadeira, converge diretamente com a proposta de ecologia integral e fraternidade universal de Francisco.

Palavras-chaves: cuidado; espiritualidade; contemplação; teopoética; *O Pequeno Príncipe*; Papa Francisco.

Abstract: This research proposes a reading of the work *The Little Prince* by Antoine de Saint-Exupéry, based on a fruitful dialogue with the Magisterium of Pope Francis, especially with the Encyclicals *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* and the Letter on the Role of Literature in Education. The methodology used is based on the theopoetic approach that makes an approximation between theology and literature, allowing us to demonstrate how the poetic and symbolic language of Saint-Exupéry's narrative expresses profound truths about the human condition and the search for meaning, meeting the concerns of Pope Francis. In view of this, this research proposes to analyze the encounters of the Little Prince with the characters that emerge along his journey, revealing how his contemplative and sensitive gaze converge with the embodied spirituality and care proposed by Pope Francis. Thus, in every encounter or situation, the Pontiff's teaching is evoked and explored, since he invites us to rediscover the ability to contemplate the essential by criticizing the throwaway culture, the globalization of indifference and the technocratic paradigm that anesthetize the perception of true human and ecological needs. Structured in four main sections, the work then seeks to demonstrate how the central elements of Saint-Exupéry's narrative establish direct bridges with Pope Francis thought through two central terms, contemplation and care. In short, it is evident that the interpellative wisdom of the Little Prince, who values care, responsibility and true friendship, converges directly with Francis proposal of integral ecology and universal fraternity.

Keywords: care; spirituality; contemplation; theopoetics; *The Little Prince*; Pope Francis.



Introdução

Inspirada na *Carta sobre o Papel da Literatura na Educação* do Papa Francisco, esta pesquisa propõe-se fazer uma leitura da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, à luz do Magistério do Papa Francisco, sobretudo, com as Encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*. Tendo como objetivo demonstrar que o olhar atento e sensível do Pequeno Príncipe – personagem central da obra de Exupéry – para a realidade, tem muitos pontos de convergência com a espiritualidade encarnada e voltada para o cuidado, proposta pelo Papa Francisco.

Como justificativa para esta pesquisa, ressalta-se a importância deste diálogo na atualidade, sobretudo, neste momento em que o mundo vê de modo mais claro aquilo que Francisco alertou com muita ênfase: a existência de sinais de uma eminente “terceira guerra em pedaços” (2020a, n. 9).

Preocupado com a formação presbital, o Papa reforça na sua *Carta sobre o Papel da Literatura na Educação* (2024, n.4), a importância da literatura no processo de formação dos seminaristas, como meio de enriquecimento intelectual e espiritual, pois a literatura ajuda a refletir sobre a vida e a enxergar o que é essencial. Tal reflexão, porém, estende-se aos agentes de pastorais e a todos os cristãos, enquanto instrumental de formação humana.

Conforme Vilas Boas (2020), uma contribuição da literatura seria a capacidade que ela tem de tocar o humano no seu mais íntimo. Logo, ela pode auxiliar no aprofundamento de uma espiritualidade encarnada, que leva o compromisso com a transformação da realidade e a coragem de tocar nas feridas daqueles que precisam de cuidados.

Como método, optou-se pela Teopoética. Este termo, conforme Cappelli (2020), indica um modo de diálogo interdisciplinar entre teologia e literatura, desde meados de 1970, onde a teologia resgatou a imaginação no exercício de produção teológica. Logo, a literatura oferece recursos para um novo modo de fazer teologia. Isso permitiu, segundo De Mori (2012), a teologia dar passos para estabelecer diálogo com o mundo moderno e recuperar algo que lhe é próprio, a linguagem simbólico-poética usada desde as suas origens, na patrística, libertando-se do cárcere de conceitos abstratos que pouco dizem da realidade concreta (Lima; Manzatto, 2014). Além de expressar e evidenciar a experiência com o divino (Cappelli, 2020).



Ao libertar-se do abstrato e voltar-se para o real, a teologia preenche-se de carne, despertando um novo interesse pelo sagrado, conforme Wilder (1976), visto que as pessoas se identificam com Jesus de Nazaré, justamente por ser próximo a sua realidade. Nesse sentido, a teopoética surge como instrumental capaz de traduzir a inefabilidade da experiência religiosa, como presente nas obras de Rubem Alves e Malanie May, por exemplo, nas quais a linguagem poética, a narrativa de experiências e a imaginação, como potência criativa e impulsionadora da vida, são usados como um novo modo de falar sobre Deus (Cappelli, 2020). Por isso Kuschel (1999, p. 209)¹ afirma que Deus permite que os poetas falem aquilo que escapa aos teólogos.

Por fim, este artigo segue o seguinte esquema de desenvolvimento. Em um primeiro momento, busca-se pontuar como as experiências da vida de Saint-Exupéry contribuíram para o desenvolvimento de sua capacidade de reflexão e para sua inserção no campo da literatura. Posteriormente, propõe-se uma leitura da obra em diálogo com o pensamento do Papa Francisco, desenvolvida cena a cena, a partir dos encontros do protagonista com as diversas personagens e os diálogos interpelativos que com elas estabelece.

Desse modo, pretende-se demonstrar que o ser humano está sempre à procura de algo que o preencha e satisfaça verdadeiramente – coisa que escapa a lógica de mercado da sociedade atual. Tal perspectiva ajuda a compreender a atitude constante do Príncipe de contemplar e cuidar, bem como de estabelecer e manter laços.

1 Da vida para a literatura

Francisco, em sua *Carta sobre o Papel da Literatura na Educação* (2024, n.1-5), afirma que a literatura abre caminhos para interioridade humana, além de destacar sua importância crucial no processo formativo, uma vez que mantém vivas as perguntas fundamentais da existência e favorece o amadurecimento que conduz à capacidade de contemplar aquilo que é essencial.

Nesse sentido, mais que um entretenimento, a literatura converte-se em escola de humanização, capaz de formar corações sensíveis e

¹ Embora a frase seja frequentemente atribuída a Kurt Marti, especialmente em referência a *Carinho e dor* (1979), diversos trabalhos acadêmicos não especificam a fonte exata – se livro, tese ou artigo –, o que dificulta a verificação no texto original.



solidários. Tendo isso em vista, torna-se fecundo olhar para a trajetória de Antoine de Saint-Exupéry, cuja experiência de vida e obra literária oferecem um terreno privilegiado para o diálogo com os ensinamentos de Francisco.

Conforme Corrêa (2015), Antoine de Saint-Exupéry teria nascido aos 29 de junho de 1900 em Lyon. Apaixonado pela aviação desde criança, Antoine seguiu carreira na aviação, tornando-se um renomado Piloto dos voos de correio aéreo, de testes, de reconhecimento de territórios, e de missões de guerra. Para Saint-Exupéry, o avião era uma ferramenta pela qual observava as coisas do alto. Ao voar sobre a França, via uma nação dilacerada pelo avanço nazista, donde lhe surge a certeza de a guerra ser uma doença. Hoje, esta doença mostra sinais de regresso, pois ressurgem nacionalismos fechados e agressivos, desvelando que cada geração deve assumir as suas responsabilidades e lutar pelas suas conquistas, conforme Francisco descreve na *Fratelli Tutti* (2020a; n. 11).

Isto desvela o fato de que o bem, a justiça e o amor, não só se conquistam de forma progressiva, mas que não se constituem como algo consolidado. Antes, eles devem ser preservados e cultivados a cada dia, tal como o Príncipe cuidava pacientemente de sua rosa. Por isso, para Francisco (2020a) não se deve contentar com aquilo que já foi conquistado ou com memórias de um passado aparentemente longínquo, ignorando a dramaticidade do cenário atual. O conflito é real e bate à porta de cada um, lentamente. Daí que se faz necessário empregar atitudes de cuidado, sanar feridas e impedir aquilo que poderia ser a maior tragédia da história humana, devido ao avanço das tecnologias bélicas.

Quanto à identidade religiosa de Saint-Exupéry, supõe-se católica, conforme comentadores, e seu modo de vivê-la lhe proporcionou uma aguçada percepção existencial que, somada a sua arte de dialogar, o tornou um verdadeiro diplomata. Ele entendia que a guerra sacrificava os soldados como míseros copos d'água tentando apagar um incêndio (Saint-Exupéry, 2015). Dessas experiências da guerra surgiram livros como: “[...] Piloto de Guerra (1942), no qual exprime a derrota da França e a necessidade da humanidade de resistir àquele totalitarismo absurdo que devorara a Europa” (Corrêa, 2023, p. 03) e a sua obra-prima, *O Pequeno Príncipe* (1943), como uma versão infantil – da obra *Piloto de Guerra* – daquilo que ele vivia e acreditava.

A obra *O Pequeno Príncipe* é: “[...] a síntese do pensamento [...]. [...] e [...] o sumo da experiência de um homem que via o mundo de sua



cabine” (Corrêa, 2023, p. 03). Ali compreende que os adultos perderam a capacidade de enxergar o essencial das coisas, por isso dedica o livro ao seu amigo Léon Werth, ou: “[...] à criança que esse adulto foi. Todos os adultos foram primeiramente crianças. (Mas poucos deles se lembram disso).” (Saint-Exupéry, 2017, p. 05). Ou seja, aquele ser frágil e socialmente rejeitado por não contribuir com os meios de produção é quem compreende o essencial: “Eu te louvo, ó Pai, [...] porque ocultastes estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1724, Mt 11, 25).

Os adultos encontram-se presos a cifras e valores monetários (Florêncio; França; Leite, 2020). Tanto que, conforme Marinheiro e Oliveira (2021), é a criança, na imagem do Príncipe, que cuida do planeta; ele sabe de sua responsabilidade, diz o que é certo, aponta o caminho, educa e mostra os verdadeiros valores. Por isso: “[...] Jesus [...] chega ao ponto de as propor aos adultos como mestres, devido à sua confiança simples e espontânea nos outros” (Francisco, 2016, n.18). Essa preocupação e cuidado do Príncipe de início, para com os baobás, aludem ao perigo do nazismo, que cresce despercebidamente. Diante disso, entende-se ainda que o desenho da jiboia engolindo um elefante representa sua própria nação sendo devorada (Corrêa, 2023).

Para Francisco (2024, n. 3), este é o poder da literatura, de criar um mundo por meio de um texto vivo, capaz de falar a mesma coisa de modos diversos para diferentes épocas; ela é um refúgio para a alma. É um instrumental pelo qual mergulha-se nos abismos do homem para, em diálogo com a Teologia, mostrar Cristo como caminho para a verdade (2024, n. 3). A história do Príncipe é, pois, um relato autobiográfico, em que o autor expõe suas experiências e reflexões sobre os valores da vida, convidando o leitor a fazer uma autodescoberta por meio das personagens ali representadas. Por isso a trama é desenvolvida por meio do Príncipe, que é o alter ego de Saint-Exupéry: inquieto, contestador e movido pelo diálogo (Florêncio; França; Leite, 2020).

Segundo Lewis (2019), a literatura permite transformar-se no outro ou ainda ver-se a partir de fora para ir em busca de solução para os dramas existenciais, sem deixar de ser quem se é, mergulhando no mistério de si. Trata-se de um olhar que vise não só o crescimento pessoal, mas o de toda a sociedade, consolidando uma fraternidade universal que rompa barreiras e vá em direção ao outro, reconhecendo-o, valorizando-o e amando-o, como aborda Francisco ao longo da *Fratelli Tutti*. O Pequeno



Príncipe é, em suma, a história de alguém que sente a necessidade de fugir e explorar o desconhecido em busca de respostas, buscando algo que possa preencher essa ânsia da qual nem ele sabe o que é e de onde vem (Souza e Ribeiro, 2014).

2 O cuidado com a casa comum e com o outro

A história começa narrando que o Pequeno Príncipe encontra um Piloto em meio a um deserto, consertando seu avião. O Príncipe, sem demora, pede-lhe então, do modo mais inusitado possível, que o Piloto lhe desenhe um carneiro, que por sua vez representa: “[...] o mistério da vida, a busca por algo que se imagina e ainda não ganhou uma forma, não foi simbolizado. No entanto, algo que pode vir a ser a resposta a um questionamento que fizemos ou que supra nossa falta, tire-nos da angústia” (Souza e Ribeiro, 2014, p. 37). O carneiro representa ainda, segundo o referido autor, a tranquilidade e a sobrevivência diante do impasse dos baobás² que infestavam seu planeta

Segundo Francisco (2024, n. 20-21) a literatura permite a aproximação dos homens entre si, pois ela tem o poder de transformar cada indivíduo a partir de dentro, mergulhando em sua subjetividade. Ela é o exercício de escuta da voz do outro que interpela a partir de fora e possibilita não só expressar aquilo que se passa dentro de si, mas tocar o coração dos homens. Nesse sentido o Príncipe como que faz o papel de Deus, pois traz o viés interpelativo e constante diante da negativa do Piloto – homem – em lhe desenhar o carneiro, e é aí que se compreende que: “Quando o mistério é impressionante demais, não se ousa desobedecer” (Saint-Exupéry, 2017, p. 13). Cedo ou tarde, o homem acaba cedendo.

O Piloto é atraído por essa figura enigmática que consegue olhar para o desenho de uma caixa e enxergar um carneiro dentro dela e se questionar se ele resolveria o problema dos baobás. Ou seja, é a criança que está preocupada com o essencial, pois: “Os adultos amam os números. [...] eles nunca lhe perguntam sobre o essencial. [...] Eles lhe perguntam: Quantos [...]? [...] É preciso dizer a eles: ‘Vi uma casa de cem mil francos’. Então eles exclamam: “Que bonita!” (Saint-Exupéry, 2017, p. 19). Segundo Colasanti (1996), as pessoas – adultas – se acostumam a janelas

² Baobás são árvores de grande dimensão. Para o Príncipe, uma árvore de grande dimensão em um Planeta pequeno como o seu, significaria a destruição dele, em outras palavras, uma crise ecológica.



e a cortinas fechadas, luzes artificiais, à correria do dia a dia, com um único propósito de ganhar mais dinheiro, para ter com que gastar e para pagar mais do que as coisas realmente valem. Com isto, aos poucos, se esquecem do sol e da amplitude da natureza.

Por isso, Francisco (2018b), em seu encontro com os jovens, afirma que: “Os sonhos são importantes. Mantêm o nosso olhar alargado, ajudam-nos a abraçar o horizonte, a cultivar a esperança em cada ação diária. E os sonhos dos jovens são os mais importantes de todos.”.

É o Príncipe – criança – que se preocupa com o Planeta – sua casa –, com sua rosa (o outro). Isto torna possível compreender que tudo está interligado como assevera Francisco na *Laudato Si* (2015, n. 91) pelo fato de que, ao cuidar do Planeta, cuida-se do outro, mas, para tal, é preciso que todos saiam do *eu* para um *nós* e vivam a fraternidade universal (Francisco, 2020a, n. 1 e 31-36).

O problema é que: “Frequentemente as vozes que se levantam em defesa do meio ambiente são silenciadas ou ridicularizadas [...]” (Francisco, 2020a, n. 17). Por isso, Saint-Exupéry insiste na figura do Príncipe – criança – pois: “[...] é no futuro das gerações em formação que o autor via esperança” (Corrêa, 2023, p. 08). Isso vai ao encontro do pensamento de Francisco (2019, n. 106) que encoraja os jovens a sonharem e serem protagonistas, a não serem meras fotocópias pois, negar-se a cuidar do Planeta, significa esquecer a vocação dada por Deus ao homem (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 33-35, Gn 1) de ser guardião da criação e fechar-se num eu egoísta, preocupado com os usos que se pode obter dos recursos, levando o Planeta não só ao colapso, mas a sua própria destruição conforme afirma Francisco na *Laudato Si* (2015, n.4-5).

Logo, é preciso um olhar contemplativo para identificar de pronto os brotos dos baobás dos de uma roseira, trabalho tedioso, requer disciplina; porém fácil e prazeroso se feito com amor (Saint-Exupéry, 2017). O problema é que se caiu no esquecimento de que o altruísmo faz parte da fé e que os impactos recairão sobre as próximas gerações e que o cuidado não é mera categoria ética, mas dever da fé. Já não se trata mais de uma crise antropocêntrica do período moderno que coloca a razão técnica acima da realidade, resultando num olhar utilitarista; a crise atual é socioambiental (Francisco, 2015, n. 25, 64, 115 e 139), pois renunciou-se ao essencial em prol de valores meramente econômicos com tendências para o acúmulo.



Por isso o Piloto afirma: “[...] quando desenhei os baobás, estava animado com o sentimento da urgência.” (Saint-Exupéry, 2017, p. 25), remetendo àquilo que Francisco (2015, n. 5-6 e 67) falava da urgente necessidade de conversão ecológica para eliminar as atuais estruturas de produção e consumo, visto ser perigosa a visão de senhorio enquanto domínio e exploração. É preciso cuidar da criação, sair de si e abrir-se ao Tu Divino que se apresenta nas mais diversas realidades (La Peña, 1998). O homem não pode se colocar acima, mas deve sentir-se parte do todo e maravilhar-se contemplando coisas simples, mas belas, como o pôr do sol. O Príncipe entende isso, por isso, aonde vai, sente-se em casa (Saint-Exupéry, 2017).

3 O príncipe e a rosa

O carneiro é solução tanto para o problema com os baobás, quanto dilema diante da figura da rosa, pois poderia alimentar-se dela. Ao questionar o Piloto se os espinhos a protegeriam, este responde que eles não servem para nada. Irritado, o Príncipe afirma que, se elas produzem, então servem para algo. Com isso, o Piloto vê-se constrangido por ser acusado de falar como adulto e desprezar os pequenos, mas importantes, detalhes (Saint-Exupéry, 2017). Esse é o problema dos adultos: presos a números, incapazes de olhar e ver além, o que explica o fato de lerem sobre a guerra – pandemia – e verem apenas números, não enxergam os que morrem e, quando percebem, perderam a esperança de paz conforme reflete Colasanti (1996).

Seguindo Francisco (2016, n. 12 e 18), pode-se afirmar que, os adultos não percebem que ao conhecer algo único, só de olhar, a felicidade invade, pois encontra-se algo que lhe corresponde e o retira da solidão. É uma relação direta, que contempla no horizonte não só olhos semelhantes, mas alguém capaz de um diálogo sem palavras; é o encontro do eu com um tu que reflete o amor do Tu Divino. A relação do Príncipe com a rosa reflete a imagem do casal do Gênesis, da busca de viver esse amor em plenitude: enquanto doação. No ato de encontrar e deixar-se encontrar pela rosa, o Príncipe vive algo único, pois o homem não só traz em si o desejo e a necessidade de laços profundos; o próprio Jesus o enfatiza diversas vezes.

Significa entregar-se, pois o amor não se guarda ou conserva; ele expande e gera frutos de vida. Afinal, guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la, mas olhar e admirar; é ser iluminado por ela; é estar e ser por ela (Cícero, 1996). Trata-se de contemplá-la, e isso vai além de



dizer o que já se sabe, pois significa cultivar um terreno – relação – ainda que no início seja engatinhando e balbuciando como criança (Balthasar, 2019). Ficar preso a números é negar-se a possibilidade de vida plena, esquecendo-se do que dá sentido, e em suma, que é constitutivo do homem: o relacionar-se. De tal modo, torna-se insensível e não se sabe como acercar-se do outro e aliviar suas dores, como o Piloto ante o choro do Príncipe (Saint-Exupéry, 2017).

O referido autor, assevera que o Piloto não entende que não se trata de qualquer rosa, mas daquela a qual o Príncipe acompanhou desde que seu primeiro galinho rompeu a terra. Por meio da rosa, ele vê a beleza da vida acontecer, se maravilha com sua delicadeza, assim como se espanta com a exigência de tantos cuidados. Ele faz de tudo por ela, mas, por vaidade, ela nunca estava contente e sempre exigia mais, levando o Príncipe a deixá-la e ir embora. Seguindo o pensamento de Francisco (2016, n.78), significa dizer que o Príncipe põe em prática a pedagogia divina de fazer o bem, cuidando do outro com amor, ainda que se depare com a limitação de sua juventude: a inexperiência no amor.

Ao ceder às queixas constantes da rosa sem nenhum discernimento, o Príncipe cai naquilo que Francisco (2015, n. 216) diagnostica como ação esvaziada da mística interior que motiva, encoraja e anima. Sem essa moção interior, o agir torna-se eficientista e imediatista a fim de responder às demandas do outro sem parar para se perguntar isso significa e o que ele genuinamente necessita. É o que Francisco (2015, n. 217-219) chama de ausência de conversão interior: pois as ações partem de uma autorreferencialidade que ao tentar satisfazer as exigências da rosa, na verdade satisfaz as próprias, isto é, de pôr um fim a ansiedade que surge diante de um novo pedido e a possibilidade de ficar só. Não há a intenção de ser presença e escuta atenta, que é o que no fundo a rosa precisava e queria, ainda que não soubesse pedir.

Cuidar não é dar o que o outro pede, mas servi-lo em suas necessidades, como o Bom Samaritano, cuja atitude é citada por Francisco (2020a, n. 69-83) como modelo para superar a indiferença, assim como de amor e cuidado ao próximo, sobretudo, os mais vulneráveis. Visto que o amor é o: “[...] cuidado do outro pelo outro. Já não se busca a si próprio [...] procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o” (Sciadini, 2007, p. 38).

O amor verdadeiro deve ser paciente ao ponto de reconhecer as limitações do outro e não lhe exigir perfeição. De modo que se manifeste



em atos concretos, como fazer o bem ao amado, cuidando-o, perdoadando-o, alegrando-se com ele em suas conquistas, pois deve-se reconhecer o direito do outro de ser feliz. É estar pelo e para o outro, como que em atitude de vigília, sem, contudo, renunciar à sua própria individualidade e felicidade. Mas sair de si e ir ao encontro, nunca desistindo ante as dificuldades, pois sempre traz em si a esperança e a consciência de que todos passam por um processo de amadurecimento, e por isso, podem mudar com o tempo (Francisco, 2016, n. 91-117).

Logo, o amor em ato não é mera atitude ética, moral ou altruísta; mas mística, é contemplar no outro a imagem do Cristo que sofre. É triste ver que hoje: “[...] existem simplesmente dois tipos de pessoas: [...] aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo” (Francisco, 2020a, n. 70). O problema é que o Príncipe deixou-se levar pelas dificuldades, esqueceu-se de que a beleza do amor contemplativo vai além da validação social e experimenta o que há de mais sagrado no outro. É enxergar o outro na multidão e torná-lo visível, buscar o seu bem e nele se comprazer numa alegria transbordante (Francisco, 2016, n. 128-130).

4 Um só planeta, diversos mundos?

Após deixar sua rosa, o Príncipe começa então sua jornada de visita aos planetas vizinhos. No primeiro planeta, ele se depara com a figura de um rei que se entusiasma com a sua presença, pois vivia sozinho e exalava um ar de autoridade e exigia de todos os seus súditos uma severa obediência (Saint-Exupéry, 2017). O pensamento de Francisco ilumina tal situação com a seguinte afirmação: “[...] a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (Francisco, 2015, n. 66). Aqui, neste caso, o problema encontra-se no fato de o rei não querer ter uma relação fraterna, mas de domínio; quer alguém que simplesmente o obedeça.

O homem deveria viver uma relação de reciprocidade, em que ao cuidar da criação, obteria o necessário para sua sobrevivência. Mas, ao tentar ocupar o lugar de Deus, rejeitando sua condição de criatura, o homem passa a viver uma relação de domínio para com os outros. E isso se dá pelo fato de que o pecado pessoal e o social são duas dimensões que se inserem uma na outra. Significa dizer que o pecado: “[...] inibe nosso movimento de saída de nós mesmos em direção ao irmão, fechando-nos em nós mesmos. Por isso, é um pecado social” (Libanio, 1975, p.



103), levando-o, segundo o citado autor (p. 104), a objetivar-se: “[...] em estruturas sociais, sistema de valores, ideologias, tradições, hábitos, comportamentos coletivos, mentalidade comum”.

Neste sentido, a figura do monarca representaria, pois, essas estruturas de pecado, pois a pretensão de mandar até nas estrelas, representada na figura do manto do rei, como um símbolo da extensão de seu poder, cobrindo todo o planeta, não deixa espaço para que outros possam ser e viver. Entretanto, vale ressaltar que esta pretensão de domínio é ilusória e não se efetiva na prática; na verdade, ela só intensifica o distanciamento do homem para com o outro (Francisco, 2015, n. 66-70). Lutar contra essa objetificação é que possibilita uma espiritualidade encarnada, isto é, não alienada da dramaticidade da vida, mas que olha ao redor enxerga os traços do sagrado e a sua voz que ressoa: “Foi a mim que o fizestes” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1750, Mt 25,31-46).

No segundo planeta, o Príncipe encontra um homem vaidoso, que não quer uma relação fraterna e recíproca, mas apenas ser admirado. E, por viver só – pois para aquele que está centrado em si, o outro não existe – não consegue realizar seu desejo (Saint-Exupéry, 2017). Lendo a partir de Francisco, isso se dá: “[...] quando pessoas se tornam autor-referenciais e se isolam [...] quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir. [...] não existe [...] bem comum” (2015, n. 204). Ou seja, perde-se o sentido da vida, como explicitado na visita ao terceiro planeta, onde o Príncipe encontra um homem que bebia para esquecer a sua vergonha de beber (Saint-Exupéry, 2017).

Se outrora havia um rei que acreditava mandar nas estrelas, agora há um homem de negócios que crê as possuir, unicamente por ser o primeiro a ter a ideia. Ele conta e anota a quantidade num papel, a fim de que, possuindo-as, seja rico e possa comprar mais estrelas (Saint-Exupéry, 2017). A partir de Francisco (2020a, n. 13-15), isso desvela os traços da cultura que emprega um desconstrucionismo numa vã pretensão de construir tudo do zero, tendo como centro a insaciável necessidade de consumir. Tal atitude acentua o individualismo e nega o direito do outro ter acesso aos recursos naturais e essenciais à vida. Assim, muitos dos que detêm os meios de produção e o capital procedem, deturpando o mandato de cuidar da criação.

Já não se pode mais ignorar que milhares de pessoas se encontram em situação de vulnerabilidade, que muitas espécies padecem, devido



à negligência do homem em cumprir com suas responsabilidades. Há que recordar que, diante do sofrimento e desaparecimento destes que também são irmãos, como ensinava São Francisco de Assis, também ecoa a voz interpelativa de Deus: “Onde está o teu irmão?” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 39, Gn 4,9). Por isso, seguindo os pensamentos de Libanio (1975, p. 100-120), faz-se urgente cuidar do outro, para que se eliminem as expressões do mal, as estruturas de pecado, pois a falta dos meios de subsistência leva a violência, que gera mais da mesma e à miséria, à medida que a cria e a sustenta (Paulo VI, 1967, n. 30).

Assim, a vida vai perdendo o seu sentido e começa a se fazer coisas sem saber o porquê, a buscar atividades que façam esquecer os males cotidianos. Como diria Pascal (1999), começa-se a buscar divertimentos para se esquecer as misérias desta vida, oriundas do pecado do homem em Adão, em vez de buscar um caminho de reconciliação, de retorno a si e a Deus. Há que recordar que: “Muitos estão cientes de que não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece” (Francisco, 2015, n. 209). Muitos até tentam mudar seus hábitos de produção e consumo, porém o sistema não os favorece.

Seguindo sua jornada, o Príncipe depara-se com um homem que passava dia e noite acendendo e apagando um lampião. Julgou este o mais sensato por se ocupar de algo que está para além de si, ainda que sua vida fosse monótona, pois um dia durava como um minuto, fazendo-o viver numa rotina frenética. Posteriormente, encontra um homem – geógrafo – que anotava em seu caderno de geografia coisas sérias e importantes. Será este homem que fará o Príncipe sentir-se arrependido por ter deixado sua rosa só e, com isso, sobre como estaria, visto ter afirmado que ela é efêmera e passível de extinguir-se. Com isso, o geógrafo lhe aconselha a visitar a terra (Saint-Exupéry, 2017).

Esta situação, conforme Francisco (2020a, n. 29-30), leva a refletir sobre os tons cinzas de monotonia que a vida vai adquirindo quando se perde a capacidade de contemplar o sentido maior das coisas. O progresso, que deveria favorecer a vida e trazer verdadeiros avanços, acabou voltando-se contra o homem e escravizando-o. Daí que, hoje, verifica-se uma perda ou liquefação dos valores éticos-espirituais e do sentido de responsabilidade, gerando com isso uma sociedade pautada pela incerteza, solidão, frustração, injustiça e pelo não acesso aos recursos



naturais. Em suma, predomina uma indiferença fria e globalizada que busca se colocar como onipotente na tentativa de mascarar suas próprias fragilidades.

Com isso, o Príncipe finalmente chega à Terra e se depara não só com a imensidão do planeta, mas com o fato de ela abrigar todos os tipos de pessoas: reis, vaidosos, bêbados, homens de negócios, acendedores de lampião. Enfim, uma multidão de adultos que se julgam importantes e necessitados de muito espaço, quando, na verdade todos podiam ser reunidos numa pequena ilha (Saint-Exupéry, 2017). A Terra é a demonstração de que se pode habitar um só planeta e, ao mesmo, tempo transitar por diversos mundos, já que, a cada capítulo, o Príncipe sempre se deparará com uma única personagem solitária, ensimesmada, sem um sentido maior para a vida.

Esta observação do Príncipe com relação à solidão e ao ensimesmamento das personagens vai de encontro com as análises do Papa Francisco sobre os desafios atuais da sociedade do século XXI. Francisco adverte quanto ao fenômeno solidão que atinge a todos, fazendo com que vivam de forma fragmentada e indiferente, levando à perda do sentido de comunidade e fraternidade (2020a, n. 12-29). Dando espaço para que surja com isso a cultura do descarte, que atinge tanto a dimensão dos bens materiais como as próprias pessoas, alimentando com isso a angústia que assola a existência humana (2013, n. 54-57). O que explica o fato de se desfazerem relacionamentos, tão fácil e rápido, como foram feitos (Bauman, 2004).

É preciso lutar contra as estruturas de pecado da sociedade que fazem com que o homem fique num antropofagismo, à medida que se alimenta do sofrimento dos outros. Faz-se necessário voltar a olhar para o alto e para o horizonte, para contemplar o que ele apresenta, o Outro. Em consonância com a visão já proposta por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (1975, n. 34), que defendia a evangelização das culturas e a transformação das estruturas desumanizadoras. Em suma, trata-se, segundo Francisco de despertar: “[...] a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos” (2020a, n. 32).

Para Francisco, no momento extraordinário de oração em tempo de pandemia (2020b) as problemáticas atuais demonstram como o homem depositou sua confiança e embasou seus projetos em coisas vulneráveis e superficiais. Mostram as verdadeiras intenções de seu coração – busca



pelo lucro e acúmulo – fez deixar de lado aquilo que verdadeiramente nutre a vida, por hábitos aparentemente salvadores, mas que só fazem anestesiá-la a atual miséria humana. O homem fez-se e continua a fazer-se surdo aos apelos de Deus, dos pobres – seus irmãos – e aos gritos de socorro do planeta, avançando sempre mais confiante e prepotente em seus projetos. Agora, tendo suas pretensões e fraquezas desmascaradas, começa a ter sinais de consciência: todos habitam o mesmo barco.

Com o Príncipe não é diferente. Ele explora montanhas, se depara com o eco e com o vazio de uma existência isolada. Sente a necessidade de amizade e de algo que lhe sacie interiormente, até que se depara com um jardim de cinco mil rosas, que, longe de trazer-lhe alegria, gera uma profunda frustração, pois havia acreditado que a sua rosa era única (Saint-Exupéry, 2017). Esse contraste entre a multiplicidade e a autenticidade recorda a advertência do Papa Francisco de que nem sempre a abundância de possibilidades garante a experiência do encontro (2020a, n. 200), pois o coração humano continua necessitado de vínculos singulares e verdadeiros, por isso, nenhuma rosa podia substituir aquela primeira.

Em muitas partes do mundo, multidões são forçadas a abandonar suas casas, atravessando fronteiras e mares em busca de um lugar para viver. Contudo, em vez de acolhimento, encontram indiferença e hostilidade, conforme Francisco (2020a, n. 37-39). A experiência de encontrar um lugar como o “jardim de rosas”, que deveria significar abundância para todos, converte-se na metáfora de uma sociedade homogeneizada, em que o excesso não gera comunhão, mas acentua a solidão e o descarte. Francisco observa que muitos vivem sem um lar, sem uma família, sem uma comunidade que os acolha (2020a, n. 2-38), condenados a viajar de um lado para o outro sem terem um lugar para chamar de casa.

Aparece então a raposa, que ajuda o Príncipe a compreender a vida de uma forma nova. Ela lhe ensina que, para poder brincar, é preciso cativar, isto é, criar laços. De modo que ele já não seja um garoto como todos os outros garotos, mas que ela o reconheça pelo som de seus passos, lembre-se dele por causa da cor de seus cabelos ao ver o trigo, ainda que não se alimente dele. A princípio, o Príncipe age como os adultos e diz não ter tempo, ao que sabiamente a raposa responde que não adianta partir em busca de conhecimento, quando só se conhece aquilo que se cativa e se deixa cativar (Saint-Exupéry, 2017). Seguindo o pensamento de Pascal (1999), isso se dá pelo fato de que só se conhece as coisas com as quais se relaciona.



Hoje, pela desculpa da falta de tempo, não se conhece as coisas direito, quanto menos se tem amigos, já que cativar demanda um processo contínuo: encontrar-se todos os dias na mesma hora, a fim de criar a expectativa do encontro (Saint-Exupéry, 2017). Em suma, demanda abertura a uma relação. Diante disso, a raposa revela então o seu maior segredo: “[...] só vemos bem com o coração. O Essencial é invisível aos olhos. [...] o tempo que você dedicou à sua rosa que fez dela tão importante. [...] Os homens esqueceram essa verdade [...] você não deve esquecer [...]. Você se torna para sempre [...] responsável por aquilo que cativou” (Saint-Exupéry, 2017, p. 74).

Aqui o príncipe se depara não só com uma maturidade e sabedoria, mas com um gesto de responsabilidade da raposa. Calma, mas preocupada com o essencial, ao contrário dos hábitos atuais que buscam simplesmente mais uma relação momentânea para preencher um vazio. Hoje, tudo é comercializável, inclusive a vida: tráfico de órgãos, trabalhos análogos à escravidão, prostituição etc. O próprio homem tornou-se um produto e passou a ser visto como meio, não como fim. Essa instrumentalização da pessoa humana e a mercantilização da vida são características da cultura do descarte, denunciada pelo Papa Francisco (2020a, n. 22), onde tudo o que não serve para o crescimento econômico e para o uso descartável é jogado fora.

Para Bauman (2001), o homem moderno vive em função do poder de compra, pois por meio dele, exorciza-se os demônios. Contudo, ele cai num círculo vicioso que o leva a comprar continuamente para: “[...] escapar da agonia chamada insegurança. [...], livres do medo do erro, da negligência ou da incompetência. [...] a [...] virtude dos objetos que encontram quando vão às compras é que eles trazem consigo (ou parecem por algum tempo) a promessa de segurança” (Bauman, 2001, p. 79). Essa lógica de consumo-descarte, segundo Francisco (2020a, n. 35), leva a uma indiferença globalizada, em que as relações são superficiais e o cuidado com o outro é negligenciado.

Francisco (2015, n. 216) adverte sobre os perigos do paradigma tecnocrático e da visão utilitarista, que obscurecem a percepção do dom da criação e das relações fraternas, levando a uma existência vazia de sentido e beleza. Para superar isso, afirma que se faz mister recuperar o sentido da célebre frase de Inácio de Loyola em seus *Exercícios Espirituais* (n. 2): “não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente”. Ou seja, segundo



Loyola (1974), é preciso ser primeiramente iluminado para que os olhos d'alma e do entendimento possam se abrir. Visto que o essencial se encontra invisível aos olhos físicos (Saint-Exupéry, 2017). Assim, coisas simples como ter um amigo ou contemplar o pôr do sol voltam a ter sentido e prazer.

Ao encontrar o guarda-chaves, o Príncipe aprende que: “Nunca estamos contentes onde estamos [...]” (Saint-Exupéry, 2017, p. 75), pois a miserabilidade da condição humana o leva a construir casas com espaço para lazer, mas, quando chega o momento de descanso, viaja, ou seja, nunca se encontra satisfeito, conforme Pascal (1999). Diante disso, Francisco (2013, n. 53-56) critica toda economia que se pautela pela exclusão e leve à busca por bens, mas que, no fundo, não satisfaz, pois uma sociedade pautada pelo consumo só gera frustração e solidão. O referido autor (2016, n. 36) afirma ainda que a cultura do provisório e do descarte afeta as relações humanas e, conseqüentemente, a capacidade de se assumir e manter um compromisso.

O Príncipe descobre ainda que alguns homens, para não terem de parar para beber água, tomam uma pílula por semana e com isso economizam 53 minutos, enquanto ele, com sede e racionando a água que tinha, conversava com o Piloto no deserto. Diante disso, convida o Piloto para procurar um poço e este, mesmo contrariado, aceita e parte com ele (Saint-Exupéry, 2017). Esta cena, seguindo Francisco (2015, n. 101-122), reflete as soluções rápidas para problemas complexos, sem enfrentar as raízes dessa aridez existencial. A atitude do Príncipe de buscar uma fonte real de vida reflete a convicção do Pontífice de que a verdadeira riqueza não está na acumulação, mas na capacidade de viver com plenitude as relações e os dons da criação.

Devido à longa caminhada, o Príncipe revela ao Piloto que: “O deserto é bonito [...]. [...] O que torna o deserto mais belo [...] é que ele esconde um poço em algum lugar.” (Saint-Exupéry, 2017, p. 79). Diante disso, o Piloto se comove ao ver que, apesar de enfraquecer-se cada vez mais, o Príncipe continuava fiel à rosa, enquanto a maioria dos adultos andava em círculos sem saber o que procurava. Ao encontrar um poço, o Príncipe revela estar sedento – da água da amizade – a qual o Piloto compreende e lhe dá de beber. Aqui pode-se fazer um paralelo com a advertência de Francisco sobre a sede de Jesus pelo amor – amizade – dos homens, ao passo que o Evangelho não só sacia a sede do homem, mas o leva a saciar a de seus irmãos.



Esta é a verdadeira água que sacia, que é boa para o coração e que pode ser encontrada numa única fonte – rosa – sendo desnecessário um jardim com cinco mil. O problema é que os homens estão cegos para estas realidades. Isto porque o homem, para Francisco (2020a, n. 87-95), só se realiza no ato de dar-se ao outro. Somente assim ele conhece a verdade de si, pois não há vida quando fechado em si; a vida é um ato de dar-se e transbordar de amor. Para Francisco, esse amor que se doa não é mera benevolência ou impulso altruísta, ele exige uma abertura interior que transforma o sujeito e o orienta para além de si mesmo, conduzindo-o a uma comunhão que é, ao mesmo tempo, pessoal e universal.

Com isto, chega-se ao ponto dramático da história, em que o Príncipe decide render-se à oferta da serpente, que, com seu veneno, o libertaria de seu corpo pesado para que pudesse voltar para casa. Para consolar o Piloto, afirma que irá morar em uma estrela e que, por isso, todas as vezes que olhasse o céu e as visse, se lembraria dele e se alegraria, que apenas iria parecer que ele morreu, mas que, na verdade, ele apenas foi embora, saciar sua sede – saudade – de sua rosa (Saint-Exupéry, 2017). O Papa Francisco diversas vezes ao falar sobre a esperança cristã na ressurreição, enfatiza que a morte não é a última palavra sobre a sorte humana, mas é a porta que se abre para a eternidade e para a vida plena. Jesus ressuscitado é a prova disso.

Isto desvela o desejo de viver algo maior, de render-se diante do amor, esse desejo, espelho da santidade, encontra-se em todos os homens, mesmo nos mais pecadores (Balthasar, 2019). Disso surge a necessidade de desprender-se do supérfluo e ir ao essencial das coisas, como recorda Francisco (2018a, n. 10-13) ao destacar a santidade extraordinária, vivida na radicalidade do ordinário. Diante disso, Mariani (2023) recorda as contribuições do Papa sobre o discernimento e a contemplação na ação, pois enfatizam a proposta de S. Inácio de Loyola de cultivar a santa indiferença – nem riqueza nem pobreza, nem saúde nem doença – como propõe o despojar-se de si para abrir-se ao outro e, sobretudo, ao querer de Deus.

Portanto, trata-se de ter um olhar contemplativo, isto é, voltado para o outro e para aquele que é totalmente outro. De n'Ele encontrar-se, à medida que se esquece de si, pois para aquele que ama, o rosto, a voz, o cheiro do ser amado são inesquecíveis e estão sempre a se renovar no mais íntimo de si. Em suma, significa maravilhar-se diante do outro e com ele, sentir-se preencher por uma força que arrebatava e domina – o



amor – que tudo reivindica, mas que também faz tudo ser suportável (Balthasar, 2019). E assim, dar-se sem medidas em atos de cuidado, pois aquele que ama, ao contemplar o ser amado, sente uma inquietante necessidade de cuidar.

Conclusão

Mediante tais reflexões, constata-se, pois, que o objetivo de fazer uma leitura da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry à luz e em diálogo com o magistério do Papa Francisco, especialmente em torno das categorias de contemplação e cuidado, por meio de uma abordagem teopoética, foi alcançado. Este diálogo permitiu demonstrar que a literatura oferece novos recursos para se fazer uma teologia que dialoga com o mundo moderno, o que permite afirmar que ela também se constitui, sobretudo, a partir da proposta de Francisco, como um verdadeiro *locus theologicus*, capaz de iluminar a experiência humana e revelar dimensões do mistério divino que escapam às formulações meramente conceituais.

Disso resulta a importância da literatura no processo formativo do seminarista, como dos agentes de pastorais e de todos os cristãos, pois, por meio de uma narrativa simbólica, aprofunda-se na sensibilidade necessária ao serviço pastoral. Neste sentido, ela se torna escola de humanidade, pois auxilia no desenvolvimento da capacidade de escuta atenta ao que é essencial, permitindo um amadurecimento necessário para o exercício do discernimento espiritual. A preocupação do Papa em recuperar este papel da literatura na formação insere-se em um contexto amplo de cultivar uma espiritualidade encarnada, que integre fé e vida. Que tal, como o Pequeno Príncipe, que se saiba contemplar o pôr do sol e cuidar do Planeta e da rosa!

A centralidade que Francisco deu em seu pontificado ao cuidado dos mais frágeis, à denúncia de estruturas de pecado que geram exclusão e ao chamado a uma ecologia integral, fazem parte de uma mesma lógica evangélica que busca restaurar a dignidade humana e fortalecer os vínculos de fraternidade e solidariedade. Logo, contemplação e cuidado não são elementos isolados, mas dimensões de uma autêntica espiritualidade cristã que deve se contrapor à cultura do descarte, à globalização da indiferença, ao paradigma tecnocrático e a todo modelo de produção que se alimente da miséria humana. Uma espiritualidade que inspire uma economia que não exclua os mais fragilizados.



O Pequeno Príncipe, como se viu, representa aquele que consegue enxergar o sentido profundo da vida, que cuida daquilo que lhe é confiado enquanto dom e seu interesse em cultivar laços profundos e verdadeiros. Esses são traços de uma vivência integral da existência humana em comunhão com o cosmos, pois, mais que cuidar de uma rosa, animal ou ser humano, trata-se de cuidar da obra do amor de Deus, de semear, cultivar e dar frutos do bem, da paz, da justiça. A obra de Saint-Exupéry sensibiliza para o fato de que, ao cuidar do Planeta – casa comum – cuida-se do outro, ao lhe proporcionar aquilo que lhe é essencial para uma vida digna e saudável. Além de possibilitar a compreensão de que todas as coisas se encontram interligadas.

A presente obra literária converge, pois, com os ensinamentos do Papa Francisco sobre a vocação de cuidar da criação e do próximo, estabelecendo com eles uma relação de reciprocidade necessária para o florescimento da vida. Contudo, vale ressaltar que não basta apenas cuidar; é preciso permitir-se também ser cuidado e, com isso, curar as próprias feridas. O que permite gerar uma dinâmica de cuidado mútuo, em que um cuida do outro. O que permite compreender que o cuidado, mais que uma categoria ética, é a expressão do amor contemplativo que sabe reconhecer no outro uma realidade sagrada que demanda não apenas contemplação, mas cuidado.

Por fim, conclui-se que, ao contemplar o amor, supera-se o individualismo que gera solidão e angústia. Somente assim tona-se possível saciar a sede – existencial e ontológica – de viver laços concretos e verdadeiros. Logo, não é pela produção ou consumismo exacerbado que se encontrará algo que satisfaça o interior humano. Disso urge a necessidade de superar a lógica utilitarista; de recuperar a capacidade de maravilhar-se com coisas simples, mas belas e grandiosas como o pôr do sol; e de recuperar a capacidade que as crianças têm de muito facilmente superar conflitos e estabelecer diálogo, voltando a viver em unidade e fraternidade com os seus.

Portanto, o diálogo estabelecido entre a obra literária de Saint-Exupéry e o Magistério de Francisco de Roma – o misericordioso, como ficou conhecido após sua morte – aponta para a urgente necessidade de ver para além da lógica do mundo e recuperar a unidade entre fé e compromisso social. Neste sentido, tanto *O Pequeno Príncipe* quanto o magistério do Papa Francisco, sensibilizado pela espiritualidade franciscana, oferecem caminhos que convergem para a superação da crise do



homem contemporâneo, ao propor uma espiritualidade encarnada que integra contemplação e cuidado como dimensões inseparáveis de uma experiência de fé autêntica.

Referências

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *A oração contemplativa*. São Paulo: Paulus, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CAPPELLI, Márcio. *A teologia ficcional de José Saramago: aproximações entre romance e reflexão teológica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2020.
- CICERO, Antonio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- COLASANTI, Marina. *Eu Sei, Mas Não Devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- CORRÊA, Mônica Cristina. Introdução In: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Piloto de guerra*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.
- CORRÊA, Mônica Cristina. Do Príncipe ao Piloto: ler Antoine De Saint-Exupéry através e além do Pequeno Príncipe. *Revista Brasileira de Aviação Civil & Ciências Aeronáuticas*, Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://rbaccia.emnuvens.com.br/revista/article/view/168>. Acesso em: 2 jan. 2025.
- DE MORI, Geraldo. Hermenêutica filosófica e hermenêutica bíblica em Paul Ricoeur. *Teoliterária*, Revista Brasileira de Literaturas e Teologias, v. 2, n. 4, 2012, p. 203-239. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22909>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- FLORÊNCIO, Roberto Remígio; FRANÇA, Rafael da Silva; LEITE, Vlader Nobre. Breve análise psicanalítica d'O Pequeno Príncipe: uma (re)interpretação atualizada. Id on Line *Revista de Psicologia*, v. 14, n. 50, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2442>. Acesso em: 3 jan. 2025.



FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 2 jul. 2025.

FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 4 jan. 2025.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Lætitia*: sobre o amor na família. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 4 jan. 2025.

FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*: sobre a chamada à santidade no mundo atual. 2018a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_Senhor_chama. Acesso em: 4 jul. 2025.

FRANCISCO. *Encontro do Papa Francisco com os jovens italianos em vista do sínodo*. Roma, 2018b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/august/documents/papa-francesco_20180811_giovani-italiani.html. Acesso em: 2 jul. 2025.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*: aos jovens e a todo o povo de Deus. Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 4 de jul. de 2025.

FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. 2020a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 4 jan. 2025.

FRANCISCO. *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*. Adro da Basílica de São Pedro, 27 mar. 2020b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 12 jan. 2025.



FRANCISCO. *Saciados com o amor de Jesus, ser capazes de saciar a sede dos outros*. Homilia do dia 12 março 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/papa-francisco-angelus-12-marco-2023-samaritana-poco-jaco.html>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FRANCISCO. *Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação*. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>. Acesso em: 3 jan. 2025.

FRANCISCO. *A morte não é o fim de tudo, mas um novo começo*. Reflexão do dia 22 abril 2025. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-04/papa-francisco-morte-21-abril-2025-prefacio-livro-angelo-scola.html>. Acesso em: 2 jul. 2025.

KUSCHEL, K. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.

LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. *Criação, graça e salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.

LEWIS, Clive Staples. *Um experimento em crítica literária*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

LIBANIO, João Batista. *Pecado e opção fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LIMA, Alexandre Patucci de; MANZATTO, Antonio. A (re)-descoberta do imaginário no universo teológico: uma reflexão a partir de Adolphe Gesche. *Teoliterária*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22838>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LOYOLA, Inácio de. *Autobiografia*. São Paulo: Loyola, 1974.

LOYOLA, Inácio. *Escritos de Santo Inácio: exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.

MARIANI, Ceci M. C. B. A espiritualidade do Papa Francisco: sob a inspiração de Francisco de Assis e Inácio de Loyola. In: AQUINO JR., F.; SOUZA (org.). *10 anos de Francisco: balanço e perspectivas*. São Paulo: Recriar, 2023. p. 55-76.

MARINHEIRO, Jocilene Scaini; OLIVEIRA, Eloisa da Rosa. Literatura e infância: o adulto extraordinário em O Pequeno Príncipe. *Revista Linguagem, Ensino e Educação – Lendu*, v. 5, n. 1, 2021. Disponível



em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/lendu/article/view/6339>. Acesso em: 3 jan. 2025.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*: Sobre o desenvolvimento dos povos. São Paulo: Paulinas, 1998.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 18 maio 2025.

SOUZA, M. B. de; RIBEIRO, M. S. M. Fantasia e gozo na obra *O Pequeno Príncipe*. *Revista Práxis*, Novo Hamburgo, RS, v. 1, p. 35-44, 2014. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/773>. Acesso em: 3 jan. 2025.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Piloto de guerra*. Tradução de Mônica Cristina Correia. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O Pequeno Príncipe*. Jandira-SP: Ciranda Cultural, 2017.

SCIADINI, Patrício. *Espiritualidade do avental*. São Paulo: Loyola, 2007.

VILLAS BOAS, Alex. O método antropológico no diálogo entre Teologia e Literatura em Antônio Manzatto. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 28, n. 95, p. 25-36, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo>. Acesso em: 8 abr. 2025.

WILDER, A. N. *Theopoetic*: Theology and the Religious Imagination. Philadelphia: Fortress, 1976.